

EUCLIDES DA CUNHA

ROBERTO VENTURA
USP

Os sertões, de Euclides da Cunha, chegava às livrarias nos primeiros dias de dezembro de 1902. Escrito ao longo de quatro anos, seu autor ainda trabalhou duro antes do lançamento. Passou dias e noites na tipografia, sob os olhares surpresos dos impressores, para corrigir os 80 erros que encontrou nos 2 mil exemplares rodados. Foram, ao todo, 160 mil emendas, feitas a ponta de canivete. Pagou do próprio bolso a edição, que saiu pela Laemmert. Isto depois de apresentar ao editor Massow uma carta do escritor Lúcio de Mendonça, que recomendava o livro.

Temendo a reação dos críticos e dos militares, tomou o trem para Lorena, no interior de São Paulo, onde trabalhava como engenheiro. Chegou na cidade à meia-noite e logo partiu a cavalo, às 3 horas da manhã. Vagou por oito dias pelos sertões paulistas, até parar em Taubaté. De lá pegaria o expresso para Lorena. No restaurante da estação, viu um passageiro com **Os sertões** nas mãos. De volta a Lorena, recebeu duas cartas de seu editor, o velho Massow. Leu antes a mais recente, em que este enviava recortes de jornais e falava do fulminante sucesso do livro. Mais da metade da edição, quase mil exemplares, a 10 mil réis cada, tinha se vendido em oito dias. Na primeira carta, anterior à outra, o editor se dizia arrependido com a publicação. Não tinha conseguido vender nenhum dos exemplares, nem mesmo para os sebos...

Foi o crítico paraense José Veríssimo, no **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro, que publicou o primeiro artigo de peso. Apesar dos elogios, fazia reparos ao abuso dos termos técnicos, das palavras antigas e inventadas. Considerava também o seu tom muito artificial e rebuscado. Ainda de Taubaté, Euclides respondeu a Veríssimo, em carta de 3 de dezembro. Agradecia a crítica, mas defendia a aliança entre ciência e arte e a necessidade de uma "tecnografia própria": "o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo".

Os sertões: campanha de Canudos teve três edições em apenas três anos, de 1902 a 1904, em um total de 6 mil exemplares. Um best-seller para os padrões da época. E um dos maiores sucessos editoriais do Brasil, com cerca de 40 edições, incluindo uma edição crítica. Seu autor se tornou membro, em 1903, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a venerável instituição dos tempos do Império. E logo ingressou, no mesmo ano, na Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897 no Rio de Janeiro.

Livro obrigatório na estante de qualquer leitor culto, **Os sertões** é muito mais tido do que lido. Obra para muitos tão difícil de penetrar quanto os emaranhados da caatinga que os soldados atravessavam até Canudos, palco da guerra travada nos sertões baianos, de 1896 a 1897. Mas Euclides é também o único escritor brasileiro que se tornou objeto de culto pessoal.

O campo em chamas

Em 1893, o peregrino Antônio Conselheiro se instalou, com seus seguidores, na fazenda abandonada de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste da Bahia. Criou Belo Monte, ou Canudos, como refúgio sagrado contra as secas da região e as leis seculares da República. Conselheiro se opunha à República, que via como a personificação do Anti-Cristo, e criticava o casamento civil e o registro de mortes e nascimentos, introduzidos com a constituição de 1891. Acreditava no retorno da monarquia, forma política tida como eterna.

Foi uma guerra moderna, longa e sangrenta. O exército empregou contra Canudos, em 1897, equipamento bélico atualizado: carabinas Mannlicher, metralhadoras Nordenfelt, canhões Krupp e bombas de dinamite. Foi uma guerra de extermínio, que o escritor-engenheiro denunciou em **Os sertões**, de 1902, cinco anos após o massacre da vila.

O país assistiu atônito ao fracasso sucessivo de três expedições militares. Mais de doze jornais enviaram repórteres na primeira cobertura ao vivo de uma guerra no Brasil, tornada possível com a instalação de linhas telegráficas. A campanha foi fotografada por Flávio de Barros e pelo espanhol Juan Gutierrez, morto em ação.

Enviado ao front como correspondente de **O Estado de S. Paulo**, Euclides escreveu uma série de reportagens, ponto de partida do livro. Participou, como correspondente, da quarta e última expedição, formada por oito mil homens, com moderno equipamento. Tomou contato com uma cidade semi-destruída pelas privações da guerra e pelos constantes bombardeios.

Passeou, dentro da cidade, em 29 de setembro, como conta na penúltima correspondência a **O Estado de S. Paulo**: "passeio perigosamente atraente, com os jagunços a dois passos apenas, nas casas contíguas". Anotou, no dia 29, na caderneta de bolso que levava consigo: "Não posso definir a comoção a entrar no arraial."

Euclides da Cunha não assistiu à queda de Canudos, ao massacre final dos prisioneiros, ou ao incêndio da cidade com tochas de querosene. Relatou tais cenas no livro com poucos detalhes. Presenciou pouco mais de três semanas de luta, de 16 de setembro até 3 de outubro, quando se retirou doente, dois dias antes do fim da guerra. Tinha acessos de febre, provocados pelas condições da guerra, com pilhas de mortos e feridos, falta de comida e noites de sono interrompidas por tiroteios.

O conflito, que se estendera por quase um ano, terminou com a perda de 5 mil soldados e o massacre da segunda maior cidade da Bahia, com 5.200 casas e cerca de 25 mil habitantes. Prisioneiros foram degolados e seus cadáveres empilhados e queimados. Mulheres e crianças foram estupradas e traficadas. Algumas das prisioneiras, que uma foto da época mostra cadavéricas e esqueléticas, foram levadas pelos soldados para o Rio de Janeiro, onde foram morar no morro da Saúde. Surgiu daí a palavra favela, como referência à planta da caatinga e à encosta em que as forças do exército se haviam instalado para bombardear Canudos.

Denunciou, em **Os sertões**, a campanha militar como crime e mencionou os fatos sobre os quais silenciara nas reportagens: a degola dos prisioneiros e o comércio de mulheres e crianças. Fez a confissão de culpa da escandalosa omissão de suas reportagens. Os materiais enviados pelos correspondentes, sobretudo pelo telégrafo, eram submetidos à censura militar. Mas outros jornalistas, como Manoel Benício, do **Jornal do Comércio**, e Fávila Nunes, da **Gazeta de Notícias**, não calaram sobre as atrocidades.

Talvez Euclides se sentisse tolhido para atacar o exército nas reportagens. Era, desde 1895, tenente reformado e fora nomeado adido ao estado-maior, com direito a ordenança, para a cobertura da guerra. Daí o crescente silêncio de suas reportagens, que se interrompem, de forma súbita, em 1 de outubro. Escreveu sobre as manhãs admiráveis em Canudos, com os raios de sol que iluminavam o círculo de montanhas. Suas anotações de temperatura e umidade, na caderneta de bolso, também se interrompem nesta data. Mais tarde, no livro de 1902, chamaria a cadeia de serras de "anfiteatro" do maior drama da história brasileira.

Viu, em Canudos, a ruína dos sonhos e ideais republicanos da juventude. Defendera a causa revolucionária na Escola Militar, em que foi cadete de 1886 a 1888, de onde foi expulso por ato de protesto contra a monarquia. Pivô de uma questão militar, foi convidado por Júlio de Mesquita para colaborar com artigos para **A Província de S. Paulo**, órgão de propaganda republicana que deu origem a **O Estado de S. Paulo**.

Proclamada em 1889 por um golpe do exército, a face ditatorial do novo regime revelou toda a sua cruza no massacre de Canudos. Nos governos militares de Deodoro da Fonseca (1889-91) e Floriano Peixoto (1891-4), o exército assumiu o papel de guardião da unidade da pátria. O período de Deodoro foi dominado pela especulação financeira, pela fraude bancária e pela ávida disputa dos cargos públicos. Com seu credo de moralização política, Floriano reprimiu, de forma brutal, as revoltas federalista e da armada. Tal fase sangrenta se estendeu até a guerra de Canudos e o atentado contra o presidente Prudente de Moraes em 1897.

Decidiram-se em Canudos os destinos da República. A guerra contra os seguidores de Antônio Conselheiro serviu de pretexto à repressão aos grupos monárquicos, que sonhavam com a restauração do trono, e aos setores militaristas, que conspiravam contra o governo. O massacre contribuiu para a implantação, a partir de 1898, da política dos governadores que definiu as bases políticas da Primeira República, vigentes até 1930, ao garantir a alternância no poder das lideranças civis de São Paulo e Minas Gerais.

Os sertões revisitados

Euclides retornou de Canudos com **Os sertões** na cabeça. Morou, em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, por cerca de três anos, de 1898 a 1901, para reconstruir a ponte metálica sobre o rio, que caíra com uma enchente. Escrevia em uma pequena barraca de folhas de zinco, à sombra de uma paineira, à beira do rio, de onde fiscalizava as obras.

Retomou, em **Os sertões**, a história da campanha militar com um enfoque mais amplo do que nos artigos de jornal. Explicou a guerra como o choque entre dois processos de mestiçagem: o cruzamento de raças no litoral, com o predomínio do mulato, e a formação da raça e da cultura sertanejas, a partir de elementos portugueses e indígenas. Manteve seu relato sob tensão constante: pelo assunto trágico da guerra, pelo tom épico da narrativa, pelo conflito entre a realidade observada e os modelos evolucionistas e naturalistas que adotava.

Traçou, em **Os sertões**, paralelos entre os dois lados do conflito, mergulhados no mesmo fanatismo e misticismo: entre o soldado e o jagunço, entre o litoral e o sertão, entre a República e Canudos. Os soldados saudavam a memória do marechal Floriano Peixoto, cuja efígie traziam no peito, com o mesmo entusiasmo doentio com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus. O Coronel Moreira César, comandante da terceira expedição, líder epilético dos jacobinos e militaristas, é tido como tão "desequilibrado" quanto Conselheiro, o messias delirante. Ambos refletiriam a "instabilidade" dos primórdios da república.

Euclides viu o sertão como o reflexo do litoral: a barbárie estaria por toda parte. Tal nota pessimista encontrou expressão nas inúmeras imagens antitéticas que povoam o livro. Canudos é a "Tróia de taipa dos jagunços", notável aliteração que traz o registro épico à narrativa da guerra. O sertanejo é um herói monstruoso, "Hércules-Quasímodo". Conselheiro um "pequeno grande homem", que entrou para a história, como poderia ter ido para o hospício.

Tomou a natureza dos sertões como cenário trágico, cuja vegetação, com galhos secos e contorcidos, permitiria antever as cabeças degoladas dos sertanejos. Recriou, pelo ritmo binário e pela sintaxe labiríntica, as oscilações climáticas da caatinga e as formas conturbadas das suas plantas e habitantes. Guimarães Rosa retomou tal aventura em **Grande sertão: veredas** (1956), ao reinventar a fala e a imaginação sertanejas.

Euclides atacou a racionalidade urbana e suas pretensões civilizatórias, ainda que tenha encarado Canudos, de forma negativa, como comunidade primitiva, "urbs monstruosa", onde haveria o "amor livre" e o coletivismo dos bens. Descreveu a vila como grupo homogêneo, formado por mestiços de branco e índio, sem perceber que se tratava de uma sociedade diferenciada, com população escura e presença indígena, que manteve ligações com a economia regional e as fontes de comércio. Revelou o mesmo distanciamento ao comentar os escritos do Conselheiro e as quadras de poesia popular, recolhidas junto às ruínas da comunidade, como "pobres papéis", com "ortografia bárbara" e "escrita irregular", que revelariam o "pensamento torturado" dos rudes sertanejos.

Mas acusou o exército e o governo pelo massacre, realizado em nome da ordem e do progresso. Fez a autocrítica do patriotismo exaltado de suas próprias reportagens. Em dois artigos, publicados em **O Estado de S. Paulo**, antes de viajar para o local do conflito, chegou a comparar Canudos à Vendéia, sublevação camponesa, monarquista e católica, ocorrida na Revolução Francesa, de 1793 a 1795. A partir da cobertura ao vivo, percebeu a ausência de objetivo político dos seguidores do Conselheiro, cujo monarquismo era, antes de tudo, mítico e religioso. E, ao se deparar com o horror da guerra, ganhou distância crítica frente ao ideário republicano.

No coração da selva

Em carta de 1903, Euclides comentou que alimentava, há muito, o sonho de uma viagem ao Acre, mas que não via como realizá-la. A região era palco, desde 1902, dos conflitos de fronteira entre soldados peruanos e seringueiros brasileiros, que se prolongam até hoje. Euclides interveio, com artigos de jornal, no debate sobre as disputas territoriais do Peru com o Brasil e a Bolívia.

Foi nomeado, em 1904, chefe da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus, encarregada de fazer o levantamento cartográfico das cabeceiras do rio. Viajou, no ano seguinte, de Manaus às nascentes do Purus, desbravando uma nova fronteira, desconhecida da ciência.

Os ensaios amazônicos são o aspecto menos conhecido da obra de Euclides da Cunha. Encontram-se dispersos em artigos e entrevistas de jornal, em crônicas e prefácios, em sua correspondência particular e oficial, além dos relatórios técnicos da viagem. Relatórios que se completam com o registro visual da expedição: as fotografias de Egas Florence e os mapas feitos como cartógrafo do Itamarati. Muitos desses ensaios foram reunidos em **Contrastes e confrontos** (1907) e na primeira parte de **À margem da história** (1909).

Empregou, em tais ensaios, uma imagem central: o deserto. Imagem que aproxima a floresta tropical da caatinga do semi-árido, os sertões baianos dos amazônicos. O deserto traz, para Euclides, as marcas do isolamento geográfico e da ocupação rarefeita. É o vácuo, é o hiato, a elipse, o parêntese. Terra de ninguém, lugar da inversão de valores, da barbárie, da incultura. Paragem desolada e sinistra que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluíam de suas cartas. A primeira parte de **À margem da história**, com os ensaios amazônicos, tem justamente o título de *Terra sem história*.

Euclides enfocou, quer em **Os sertões**, quer nos textos sobre a Amazônia, um mesmo personagem, o sertanejo, "expatriado dentro da própria pátria". Reunido em comunidade sob a liderança do Conselheiro, ou em migração para os seringais do Acre, o sertanejo fugia das calamidades da seca. Inimigo da República em Canudos, o sertanejo é visto, na Amazônia, com maior simpatia, enquanto agente de povoamento nos confins da selva.

Euclides evocou, em **À margem da história**, a expressão cunhada pelo historiador Barlaeus para os desmandos da época colonial: *ultra aequinoctialem non peccavi*. Não existe pecado do lado de baixo do equador, na tradução musical de Chico Buarque. Revelou, em **Os sertões**, o extermínio de Canudos pelas tropas da República. Trouxe a público o trabalho semi-escravo nos seringais do Acre em entrevista de 1905 ao **Jornal do Comércio**, de Manaus, e em artigo na luxuosa revista **Kosmos**, do Rio de Janeiro. Atacou os seringais como a mais criminosa organização do trabalho, prisão sem muros, em que o homem, acorrentado a dívidas, trabalha para se escravizar.

Na viagem para Manaus, Euclides se desapontou ao entrar no rio Amazonas, que não correspondia ao "ideal" concebido a partir das "páginas singularmente líricas" de Humboldt e de outros exploradores. Tal confronto entre natureza e história é mediado pela leitura dos cronistas e viajantes, com suas visões fantásticas e fabulosas, e pelo decifrar dos cartógrafos, cuja geografia se confunde com a mitologia. Observou em **À margem da história**: "ao defrontarmos o Amazonas real, vêmo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada."

Intoxicado por leituras que apregoam a impossibilidade de civilização nos trópicos, Euclides se encantou com Belém, cujo esplendor desmentia as profecias negativas dos filósofos europeus. A cidade lhe causou surpresa com seu paisagismo moderno, avenidas largas e arborizadas, edifícios majestosos, praças aprazíveis e gente de hábitos europeus. Passou aí duas horas inesquecíveis, como escreveu ao pai, e visitou o Museu Paraense de História Natural, onde se encontrou com os naturalistas Emílio Goeldi e Jacques Huber.

De volta ao navio, varou a noite com os textos de Huber. Conta Euclides: "vi, pela primeira vez, o Amazonas... Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira." O rio se converteu em "mundo maravilhoso", que estimulava a imaginação e a expressão artística. "Última página" do **Gênese**, a Amazônia se oferece ao homem como livro aberto à decifração, cuja escrita ainda não se completou.

Passou três meses em Manaus, de janeiro a abril de 1905, às voltas com os preparativos da expedição ao Purus. Cercado de contratemplos e obstáculos, irritava-se com a agitação da "Meca tumultuária dos seringueiros", comercial e insuportável, meio caipira, meio européia. Ficou doente, com febre alta. Sentia-se mal com o calor e a umidade, em um clima que julgava, com ironia, "bom" apenas para as palmeiras. Suas cartas de Manaus estão repletas de tais desabaços. A vastidão da natureza contrasta com o sufoco do espaço urbano.

Passado um mês, reconciliou-se com o clima de Manaus. Mas continuou a enfrentar dificuldades para partir. Havia poucos barcos disponíveis. As lanchas da comissão peruana estavam no conserto. O Itamarati demorava para enviar as instruções. O atraso seria quase fatal para a expedição, que saiu com os rios em baixa, e fatal sobretudo para a saúde de Euclides.

A expedição partiu de Manaus para uma viagem de seis meses e meio, de abril a outubro de 1905. Saindo na vasante dos rios, tiveram que abandonar as lanchas a vapor e fazer grande parte do percurso a pé, com canoas arrastadas a pulso. O barco com os víveres e mantimentos naufragou. Chegaram famintos e esfarrapados às cabeceiras do Purus, objetivo da expedição. Fizeram o reconhecimento hidrográfico e prepararam o mapa que

permitiria ao Barão do Rio-Branco, ministro das Relações Exteriores, resolver, em 1909, as pendências de fronteira com o Peru.

De Manaus, após o retorno da expedição, Euclides escreveu a José Veríssimo, seu colega na Academia Brasileira de Letras. Sentia que as privações e os sofrimentos enfrentados em sua "batalha obscura e trágica com o deserto" lhe prejudicaram a vida. Voltou ao Rio de Janeiro, no início de 1906, com a saúde debilitada. Contraiu, na selva, malária crônica e incurável, com febres periódicas, que se juntou à tuberculose da infância. Sofria de alucinações, com o espectro de uma mulher de branco que o perseguia nas noites insones.

De volta da selva, encontrou a cidade do Rio de Janeiro transfigurada pelas reformas urbanas do prefeito Pereira Passos. O antigo centro tinha sido remodelado com a abertura da av. Central, atual avenida Rio Branco, inaugurada em 1905. A capital o perturbava, com seu cosmopolitismo postiço e a presença ostensiva dos bondes e automóveis. Sentia, no Itamarati, o desconforto de uma posição instável, sem posto definido, sujeito às graças do barão. O inferno se prolongava em casa, com a mulher envolvida com um jovem cadete, Dilermando de Assis, que contava com a amizade dos filhos.

Euclides pretendia sintetizar suas impressões da Amazônia em **Um paraíso perdido**. Seria, em suas palavras, o seu "segundo livro vingador". Queria integrar, como em **Os sertões**, uma ampla interpretação histórico-cultural ao tom elevado do clamor por justiça social. Sua morte repentina, em 1909, interrompeu a redação do livro.

O fracasso de tal projeto encontra sua imagem na natureza amazônica, que Euclides via como inacabada, tumultuária, em instabilidade permanente. O traçado dos rios faz-se e desfaz-se. Ilhas surgem e desaparecem, margens mudam de lugar. A passagem do homem é igualmente efêmera. São "construtores de ruínas", entregues ao extrativismo econômico e à devastação ambiental.

Toda cartografia ou interpretação da Amazônia serão sempre tentativas, ensaios de captação de um objeto em perpétua mutação. A vegetação labiríntica e o emaranhado dos rios encontram expressão em uma sintaxe igualmente sinuosa. A opulência da floresta se recria no vocabulário luxurioso. Na guerra contra o desconhecido, a Amazônia se converte em esfinge que, uma vez desvendada, traria o fim da história natural.

Para Euclides, o isolamento da selva e do sertão tornou possível o cárcere dos seringueiros, o massacre dos conselheiristas, a destruição das matas e florestas, devoradas pela fúria das queimadas indígenas, pela exploração predatória dos plantadores e pelas caldeiras dos barcos e locomotivas a vapor. Escreveu, em **Os sertões**, sobre o extermínio de Canudos: "A História não iria até ali. (...) Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava." Não havia como reechar o juízo dos historiadores futuros. Daí o retrocesso à pré-história, a irrupção da barbárie, a certeza da impunidade.

Euclides da Cunha escrevia em favor do homem e do meio-ambiente. Mas pregava a marcha inexorável do progresso e da civilização, ao defender a absorção do indígena e do sertanejo pelas raças e culturas tidas como superiores. Sonhava com a integração dos sertões à história, cujos limites e fronteiras estariam em contínua expansão. A originalidade de Euclides se encontra muito mais no estilo exuberante, repleto de imagens e figuras, do que no tom missionário da denúncia social.

Cabeças cortadas

Doze anos após o massacre de Canudos, e três depois de retornar da Amazônia, Euclides da Cunha teve um fim trágico. Como Antônio Conselheiro, seu destino foi marcado pela República. Euclides conhecera Ana, sua futura mulher, no dia seguinte à proclamação, na casa do pai desta, o major Sólon Ribeiro, articulador militar do golpe de 15 de novembro.

Foi assassinado, em 1909, no bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, com um tiro pelas costas, após tiroteio com os cadetes Dinorah e Dilermando de Assis, amante de sua mulher. Dilermando levou quatro tiros. Seu irmão Dinorah foi atingido e ficou mais tarde paraplégico, cometendo o suicídio.

Afrânio Peixoto, médico legista, retirou para exame o cérebro de Euclides, conservado em formol no Museu Nacional até 1983, quando foi enterrado em Cantagalo, sua cidade natal, no Rio de Janeiro. O crânio do Conselheiro fora tirado do cadáver, após a destruição de Canudos, e enviado a Nina Rodrigues, da Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, que o examinou em busca dos traços anatômicos do crime.

A morte de Euclides e o desenrolar do processo foram o maior escândalo da vida brasileira no início do século. Depois de absolvido por legítima defesa, Dilermando de Assis se casou com Ana e prosseguiu sua carreira no Exército, chegando a general. Em 1916, sete anos após a "tragédia da Piedade", como chamou a imprensa à época, Dilermando matou, com um tiro à queima-roupa, após tiroteio em cartório de órfãos, no Rio de Janeiro, o filho preferido do escritor, Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, que tentara vingar a morte do pai.

Euclides da Cunha morreu em 15 de agosto de 1909. Era o dia de Gutemberg, dedicado ao inventor da imprensa no calendário positivista. Saía, no mesmo dia, na **Ilustração Brasileira**, a entrevista que dera para Viriato Corrêa. Em sua casa na rua Barata Ribeiro, em Copacabana, com janelas abertas para o mar, batidas pelo vento, Euclides contou das dificuldades para publicar **Os sertões**, que o **O Estado de S. Paulo** e o **Jornal do Comércio** haviam recusado. Falou das infundáveis correções nas sucessivas edições da obra. A entrevista foi dada em um domingo. Viriato e Euclides conversaram, almoçaram e passearam descalços na praia. Era sol e era azul.